

ALEJANDRO ZAMBRA

«O autor mais
falado do Chile
desde Bolaño.»

The New York Times
Book Review



POETA
CHILENO

*Não há casa, nem pais, nem amor:
só parceiros de jogo.*

ALAIN-FOURNIER /
JORGE TEILLIER

*Uma técnica que serve para escrever
também deve servir para viver.*

FABIÁN CASAS

I

OBRA JUVENIL

ra o tempo das mãos apreensivas, dos pais taciturnos e dos corpulentos irmãos mais velhos, mas era também o tempo dos cobertores, das mantas e dos ponchos, de modo que ninguém estranhava que todas as tardes Carla e Gonzalo passassem duas ou três horas no sofá, tapados com um soberbo poncho vermelho de lã de Chiloé, que no gélido inverno de 1991 parecia um artigo de primeira necessidade.

A estratégia do poncho permitia que, apesar dos obstáculos, Carla e Gonzalo fizessem praticamente de tudo, exceto a famosa, sagrada, temida e ansiada penetração. A estratégia da mãe de Carla, entretanto, consistia em simular a ausência de uma estratégia, no máximo perguntava-lhes de vez em quando, só para lhes minar a confiança, com quase impercetível malícia, se por acaso não tinham calor, e eles replicavam em uníssono, no tom titubeante de uns péssimos estudantes de teatro, que não, que estava um frio de rachar.

A mãe de Carla desaparecia ao fundo do corredor e concentrava-se na telenovela, que via sem som no quarto — bastava-lhe o som da televisão da sala, porque Carla e Gonzalo também viam a telenovela, que não lhes interessava propriamente muito, mas as tácitas regras do jogo estipulavam que deviam prestar-lhe atenção, nem que fosse só para responderem com naturalidade aos comentários da mãe, que a intervalos incertos, não necessariamente frequentes, reaparecia na sala para ajeitar as flores na jarra ou dobrar guardanapos ou para se entregar a qualquer outra atividade de discutível urgência, e às vezes olhava de soslaio em direção ao sofá, não tanto para os ver como para que eles sentissem que ela

os podia ver, e largava frases como *ela é que se meteu nisso* ou *o gajo tem um parafuso a menos*, e então Carla e Gonzalo, sempre em unísono e borrados de medo, quase completamente nus, respondiam *sim* ou *claro* ou *vê-se mesmo que está apaixonada*.

O intimidante irmão mais velho de Carla — que não jogava rãguebi, mas que a julgar pelo tamanho e pela pose bem poderia ter sido convocado para a seleção nacional — costumava voltar a casa já depois da meia-noite e das poucas vezes que chegava mais cedo fechava-se no quarto a jogar *Double Dragon*, mas mesmo assim havia o perigo de ele descer para buscar um pão com mortadela ou um copo de *Coca-Cola*. Por sorte, quando isso acontecia, Carla e Gonzalo contavam com a miraculosa ajuda das escadas, em particular do segundo — ou penúltimo — degrau: desde que ouviam o escandaloso rangido até ao momento em que o irmão mais velho aterrava na sala decorriam seis segundos, que era tempo suficiente para se ajeitarem debaixo do poncho até parecerem dois inocentes desconhecidos que enfrentam juntos o frio por mera solidariedade.

O genérico futurista do noticiário marcava, a cada noite, o fim da jornada: o casal protagonizava no jardim da entrada uma apaixonada despedida que às vezes coincidia com a chegada do pai de Carla, que aumentava as luzes e fazia rugir o motor do seu *Toyota* em modo de cumprimento ou de ameaça.

— Este namorico já dura há demasiado tempo — acrescentava o homem, erguendo as sobrancelhas, quando estava de bom humor.

O percurso entre La Reina e a Plaza de Maipú demorava mais de uma hora, que Gonzalo passava a ler, embora a minguante luz dos focos costumasse impossibilitá-lo e às vezes tivesse de se conformar com entrever um poema à pressa aproveitando a paragem nalguma esquina iluminada. Todas as noites lhe ralhavam por voltar tarde e todas as noites Gonzalo jurava, sem a menor intenção de cumprir a palavra, que dali em diante viria mais cedo. Adormecia a pensar em Carla e quando não conseguia dormir, o que acontecia com frequência, masturbava-se a pensar nela.

Masturbar-se a pensar na pessoa amada é, como se sabe, a mais ardente prova de fidelidade, especialmente se a punheta for, como dizem os reclames do cinema, rigorosamente baseada em factos reais: longe de se perder em improváveis fantasias, Gonzalo imaginava que estavam no mesmo sofá de sempre, cobertos pelo mesmo poncho de Chiloé de sempre, e a única diferença, o único elemento fictício, era que estavam sozinhos, e então ele enfiava-lho e ela abraçava-o e fechava os olhos com delicadeza.

O sistema de vigilância parecia infranqueável, mas Carla e Gonzalo confiavam que a oportunidade se lhes apresentaria em breve. Aconteceu mais para o fim da primavera, precisamente quando o estúpido calor ameaçava estragar tudo. Uma rotunda travagem e um coro de gritos interromperam a calma das 8 da noite – tinham atropelado um mórmon na esquina, de modo que a senhora saiu disparada para espiolhar e Carla e Gonzalo compreenderam que o ansiado momento chegara. Considerando os 30 segundos que durou a penetração e os 3 minutos e meio que demoraram a limpar o pouco sangue e a assimilar a desenxabida experiência, o processo completo durou apenas 4 minutos, após os quais Carla e Gonzalo se juntaram sem mais à turba de curiosos que cercavam o jovem loiro que jazia ao lado da sua bicicleta desfeita no passeio.

Se o jovem loiro tivesse morrido e Carla tivesse ficado grávida, estaríamos a falar de um ligeiro desequilíbrio no mundo a favor dos morenos, porque um filho de Carla, que era bastante morena, com o ainda mais moreno Gonzalo, dificilmente teria saído loiro, mas nada disso aconteceu: o mórmon ficou coxo e Carla ensimesmada e tão dolorida e triste que, nas duas semanas seguintes, valendo-se de ridículos pretextos, recusou ver Gonzalo. E quando o viu foi só para acabar com ele, «cara a cara».

Em defesa de Gonzalo, diga-se que nesses infelizes anos a informação circulava escassamente, sem a ajuda dos pais nem conselhos de professores ou de orientadores vocacionais, e sem o auxílio de campanhas governamentais nem nada do género,

porque o país andava demasiado preocupado com manter à tona a recém-recuperada e periclitante democracia para se dedicar a pensar em coisas tão sofisticadas e primeiro-mundistas como uma política integral de educação sexual. De súbito libertos da ditadura da infância, os adolescentes chilenos viviam a sua própria transição para a idade adulta fumando erva e ouvindo Silvio Rodríguez ou Los Tres ou os Nirvana, enquanto decifravam ou tentavam decifrar toda a espécie de medos, frustrações, traumas e perplexidades, quase sempre através do perigoso método da tentativa e erro.

Nesse tempo não havia, como é evidente, milhares de milhões de vídeos online a promover uma ideia maratonista do sexo. Embora Gonzalo conhecesse publicações como a *Bravo* e a *Quirquincho*, e uma vez por outra tivesse, digamos, «lido» umas *Playboy* e umas *Penthouse*, nunca vira um filme porno, de modo que também não contava com apoios audiovisuais para compreender que, sob toda e qualquer perspectiva, a sua performance fora um desastre. Toda a sua ideia do que era suposto acontecer na cama se baseava no treino ponchístico e nos relatos fanfarrões, vagos e fantasiosos de alguns colegas da turma.

Surpreendido e desolado, Gonzalo fez tudo o que estava ao seu alcance para voltar a namorar com Carla, embora tudo o que estava ao seu alcance não fosse senão insistir em telefonar de meia em meia hora e perder o seu tempo num infrutífero lobby com um par de falazes mediadoras que não pensavam ajudá-lo, porque até que lhes parecia inteligente e divertido e charmoso, mas comparado com os outros pretendentes de Carla achavam que era pouco, um bicho do mato de Maipú, um infiltrado.

Gonzalo não teve outro remédio senão apostar todas as fichas na poesia. Fechou-se no quarto e em apenas 5 dias despachou 42 sonetos, movido pela nerudiana esperança de conseguir escrever algo tão extraordinariamente persuasivo que Carla já não pudesse continuar a rejeitá-lo. Por momentos esquecia a tristeza; pelo menos durante alguns minutos primava o exercício intelectual de amanhar um verso coxo ou de dar com uma rima. Mas à

alegria de uma imagem no seu entender bem conseguida sucedia-se de imediato a amargura do presente.

Em nenhuma dessas 42 composições havia, infelizmente, genuína poesia. Sirva de exemplo este soneto nada memorável que, no entanto, deveria figurar entre os 5 melhores – entre os 5 menos maus – da série:

O telefone é rubro como o sol
o telefone é verde e amarelo
procuro dia e noite e não te vejo
caminho como um zombie pelo *Mall*.

Eu sou como uma piscola sem álcool
e sou como um cigarro peregrino
no fundo do teu bolso retorcido
sou como uma ampulheta sem farol.

O telefone toca todo o dia
é bastante improvável que eu sorria
dói-me o coração, doem-me as orelhas

um pré-molar e até a sobrancelha
é verão ou inverno ou primavera,
provavelmente a morte já me espera.

A única presumível virtude do poema era o esforçado domínio da forma clássica, o que para um jovem de 16 anos se poderia considerar meritório. O terceto final era, de longe, a pior parte, e também a mais autêntica, já que, ao seu modo tíbio e esquivo, Gonzalo quisera de facto morrer. Não tem nenhuma graça troçar dos seus sentimentos; trocemos antes do poema, com as suas rimas óbvias ou medíocres, com a sua lamechice, a sua involuntária comicidade, mas não subestimemos a sua dor, que era verdadeira.

Enquanto Gonzalo lutava com as lágrimas e com os decassílabos, Carla ouvia uma e outra vez a *Losing my Religion*, dos R.E.M., todo um êxito na altura, que na sua perspetiva resumia perfeitamente o seu estado de espírito, mesmo que só percebesse o significado de algumas palavras («*life*», «*you*», «*me*», «*much*», «*this*») e a frase do título, que se ligava à noção de pecado, como se a canção se chamasse, na verdade, *Losing my Virginity*. Embora estudasse num colégio de freiras, o seu tormento não era religioso nem metafísico, e sim absolutamente físico, porque, simbolismos e pudores à parte, a penetração doera-lhe para caralho: o mesmo pénis que costumava enfiar furtiva e alegremente na boca e massajar diariamente com bastante criatividade parecia-lhe agora uma inclemente broca traíçoira.

— Nunca mais ninguém mo vai meter, nunca mais! Nem o Gonza nem ninguém — dizia às amigas que a vinham visitar todas as tardes, um pouco contra a sua vontade, mas, por mais que apregoasse aos quatro ventos que queria estar sozinha, elas vinham na mesma.

As amigas de Carla dividiam-se espontaneamente entre o angelical, aborrecido e numeroso grupo das ainda virgens e o atabalhado e esqualido grupo das que já o não eram. O conjunto das virgens dividia-se, por sua vez, no minoritário subconjunto das que queriam chegar virgens ao casamento e no maioritário e veleidoso subconjunto das *ainda não*, a que Carla pertenceira durante uma breve temporada. Por seu turno, no grupo das

não-írgens destacavam-se com particular realce duas amigas, a que Carla chamava, com ironia e admiração, «as esquerdistas», basicamente porque eram, em quase todos os sentidos, mais radicais ou talvez simplesmente menos reprimidas do que toda a gente que conhecia (uma delas insistia em que devia rever a sua canção preferida, pois no seu entender *I Touch Myself*, das Divinyls, outra canção na moda nessa altura, era mais adequada que *Losing my Religion*, tendo em conta a atual situação. «As canções preferidas não se escolhem», respondeu-lhe Carla, com toda a razão do mundo).

Após considerar os profusos conselhos de ambos os bandos, e acolhendo especialmente as opiniões das esquerdistas, Carla decidiu que o mais sensato era apagar quanto antes a sua primeira experiência sexual, para o que logicamente precisava, com urgência, de uma segunda experiência sexual. Uma sexta-feira depois das aulas telefonou a Gonzalo, pedindo-lhe para se encontrarem no centro. Ele não cabia em si de contente: correu disparado até à paragem de autocarro, coisa de veras estranha, já que achava que as pessoas pareciam ridículas quando corriam pela rua, sobretudo de calças compridas. Calhou-lhe em sorte fazer a viagem num autocarro sem lugares livres, mas arranjou ainda assim forma de reler de pé boa parte dos 42 poemas que trazia na mochila.

Carla recebeu-o com um eloquente linguado e disse-lhe, logo de entrada, para desandarem dali e procurarem um motel, algo que ela própria recusara quase um ano inteiro, alegando decência, falta de dinheiro, ilegalidade, bacteriofobia ou todas as anteriores, mas agora, assegurou-lhe, num tom libidinoso um tanto exagerado, que sim, que queria, que estava mortinha de vontade.

— Disseram-me que há um perto da feira de artesanato e arranjei uns preservativos e trouxe dinheiro — disse Carla numa única frase acelerada. — Bora!

O lugar era um buraco sórdido que cheirava a incenso e a óleo requentado, visto que se podia pedir empanadas fritas de queijo

ou de carne para o quarto, além de cervejas, *pichunchos* e *piscolas*¹, opções todas elas rejeitadas por eles. Uma mulher de cabelo pintado de vermelho e com os lábios de azul recebeu o dinheiro e, como é evidente, não lhes pediu a identificação. Mal fecharam a porta do minúsculo quarto, Carla e Gonzalo despiram a roupa e olharam-se com assombro, como se acabassem de descobrir a nudez, o que de certa forma era verdade. Durante uns cinco minutos limitaram-se a beijar-se, lambe-los, morder-se, e depois a própria Carla pôs o preservativo a Gonzalo – ensaiara com uma maçaroca nessa mesma manhã – e ele penetrou-a pouco a pouco, com a medida e a emoção próprias de quem deseja preservar o momento, de modo que corria tudo maravilhosamente bem, mas a melhoria não foi significativa, já que a dor persistiu (inclusive, a Carla, doeu mais do que da primeira vez), e a penetração durou, afinal, o que um especialista em 100 metros demoraria a percorrer os primeiros 50.

Gonzalo entreabriu as persianas para observar as pessoas que saíam do trabalho e voltavam para casa com uma lentidão que à distância lhe parecia fabulosa. Depois ajoelhou-se em frente à cama e fitou com suma atenção os pés de Carla. Nunca tinha reparado nas linhas dos pés, na existência de linhas nas plantas dos pés: por um minuto inteiro, como se tentasse solucionar um labirinto, seguiu aquelas marcas caóticas ramificadas rumo ao invisível e pensou em escrever um longo poema sobre alguém que avança descalço por um trilho interminável até apagar por completo as linhas dos próprios pés. Depois deitou-se ao lado de Carla e perguntou-lhe se lhe podia ler os seus sonetos.

- Sim – respondeu Carla, distraída.
- Mas são 42.
- Lê-me o teu preferido.
- É difícil escolher. Leio-te 20.
- Três – negociou Carla, pressionada.

¹ Cocktails populares no Chile, feitos à base de *pisco*, tipo de aguardente também produzida no Peru. [N. T.]

- Cinco.
- Pronto.

Gonzalo começou a ler os sonetos com um fraseado solene e, embora Carla quisesse achá-los bons, a verdade é que não lhe diziam nada. Enquanto os ouvia pensava no pescoço de Gonzalo, no seu peito liso como o gelo e, no entanto, tão cálido, no seu gracioso esqueleto quase visível, nos seus olhos por vezes pardos, doutras vezes verdes e sempre meio esquisitos; achava-o belo e teria sido fenomenal que também gostasse dos poemas que escrevia, que seja como for ouvia com respeito e com um sorriso que pretendia sereno e descontraído, mas que mais parecia um exercício de melancolia.

Precisamente quando Gonzalo começava a ler o quinto soneto, emergiram uns gemidos vindos do quarto contíguo, de que os separava apenas uma delgada divisória. A intimidade não procurada com aqueles desconhecidos produziu um efeito díspar: Gonzalo sentiu-se de certo modo privilegiado por poder aceder ao verdadeiro porno, ao vivo e em direto – sexo real, cru, com o estrondo do catre e uns gemidos meio sincronizados, que decerto correspondiam a memoráveis investidas. Para Carla, em contrapartida, uma tal proximidade revelou-se-lhe, a princípio, perturbadora, e até pensou em bater na parede para pedir discipção, mas depois preferiu concentrar-se naqueles gemidos e conjeturar se a sortuda da desconhecida estava por cima ou por baixo ou em alguma dessas estranhas posições que as colegas da turma desenhavam temerariamente no quadro nos intervalos. A ideia de gemer daquela forma, como uma invencível campeã de Roland-Garros, parecia-lhe grandiosa e, no entanto, por agora, impossível, já que os gemidos que ouvia eram de prazer, e mesmo que às vezes a dor e o prazer se confundam, não era o caso de Carla, que sentia pura e exclusivamente dor.

Com o repentino desejo de gritar mais alto que a vizinha, Carla sentou-se em cima de Gonzalo e começou a lamber-lhe o pescoço. Ele agarrou-lhe o rabo com ambas as mãos e sentiu que a ereção

retornava plena e instantaneamente, pelo que a segunda queca da tarde, a terceira das suas vidas, destinada a apagar ou pelo menos a matizar a memória das quecas anteriores, parecia iminente. Gonzalo tentou pôr ele próprio um novo preservativo e, embora tenha procedido com uma falta de jeito quase digna, bastaram esses segundos adicionais para que Carla desistisse da penetração e a escaramuça terminasse em rotineiras e eficazes masturbações mútuas.

Gonzalo recostou-se entre os peitos de Carla e até teria adormecido se não tivesse intervindo a escandaleira do quarto do lado, porque os vizinhos continuavam a fornicar como coelhos ou como loucos, ou como coelhos loucos. Pegou no comando, afinal faltava pouco para começar a telenovela, a que ambos tinham acabado por ficar agarrados, coisa naturalíssima, visto que não era má e além do mais estava nos episódios finais, mas Carla, que estava há uns dez minutos a olhar para o teto, roubou-lhe o comando e não só apagou a televisão como lhe tirou as pilhas e as lançou contra a parede. Sobreveio um silêncio que de silêncio pouco tinha, já que os vizinhos continuavam, como diria um professor de teoria literária, *in media res*.

— Impossível — disse então Gonzalo, com sincera incredulidade. — É demais.

— O que é que é demais?

— Não os ouves? Está a durar demasiado. Não acho que isto seja normal.

— Ouvi dizer que é normal — disse Carla, tentando moderar o tom. — Ouvi dizer que isto é que é o normal.

— Parece que percebes muito de sexo — balbuciou Gonzalo, tentando disfarçar a vergonha. Ela não respondeu.

Quando os gemidos do quarto contíguo por fim se extinguiram, Carla e Gonzalo ainda tinham mais de uma hora de motel, mas não tinham vontade de fazer coisa nenhuma, nem sequer de sair. Gonzalo observou as belas costas de Carla e acariciou umas linhas

ligeiramente menos morenas, produzidas pela alternância de diferentes fatos de banho, que caíam dos ombros e formavam uma espécie de tatuagem invertida.

– Desculpa – disse.

– Não faz mal – disse Carla.

– Desculpa – repetiu Gonzalo.

Apanharam as pilhas do comando e conseguiram ver os últimos minutos da telenovela. Caminharam em direção à Alameda, de facto, comentando o episódio. Foi uma das cenas mais tristes da tarde, da semana, talvez de toda a relação: Carla e Gonzalo de mãos dadas, rumo à Alameda, falando da telenovela. Eram como dois desconhecidos procurando desesperadamente um tema em comum; parecia que falavam de algo e que estavam juntos, mas sabiam que na verdade não falavam de coisa nenhuma e que estavam sozinhos.

Gonzalo inventou uma dor de estômago para ir à consulta do doutor Valdemar Puppo, que não era psiquiatra nem psicólogo nem urologista nem nada que se parecesse, mas o pediatra a que ia desde sempre. Embora tivesse a tendência de começar com rodeios e eufemismos, o paciente tentou ser claro: o problema era a penetração em si, nos apalpanços conseguia conter-se, mas quando penetrava Carla — o que não precisou que só acontecera duas vezes — era impossível. O doutor soltou uma babosa e embaraçosamente longa gargalhada de cumplicidade masculina.

— Acontece a todos, companheiro, embora tenha de lhe confessar que a mim nunca me aconteceu — disse o homem, enquanto acariciava a pança com ambas as mãos, como se acabasse de devorar um javali. — A penetração é sobrevalorizada. Ficas nervoso e pronto, campeão.

Sempre naquele esforçado e odioso tom juvenil, o doutor Valdemar Puppo recomendou-lhe que relaxasse e falou-lhe da técnica da distração, que resumiu de forma vaga e grosseira:

— Quando tiveres a piça em riste, pensa na tua avozinha — disse.

Gonzalo compreendeu o sentido do conselho, mas nesse momento não conseguiu evitar o pensamento literal da sua avozinha e por conseguinte a tristeza, já que a velha acabava de morrer.

Foi um bom conselho, ao fim e ao cabo. Os namorados voltaram a fornicar no mesmo motel e num par de festas e até no sótão da casa de Gonzalo, ladeados por reluzentes teias de aranha e talvez

também por umas quantas ratazanas e ratos, e a técnica da distração, a que Gonzalo chamava «a técnica Puppo», costumava funcionar: como é evidente, não pensava na sua avozinha e sim em mulheres que achava feias, embora a sua ideia da fealdade contemplasse, por assim dizer, categorias morais. A repulsa que lhe inspiravam, por exemplo, a ex-ministra da Educação Mónica Madariaga ou a cantora Patricia Maldonado ou a própria Lucía Hiriart de Pinochet era muito mais ideológica que física, posto que — com a provável exceção da senhora Maldonado — não se pode dizer que fossem mulheres objetivamente feias.

Ainda assim, por mais atozes que lhe parecessem essas senhoras, num ou noutro momento as peles que supunha ásperas, rugosas e balofas recuavam perante as costas suaves ou as perfeitas coxas de Carla — a realidade suplantava a imaginação e, portanto, Gonzalo, muitíssimo mais cedo que tarde, quinava. O segredo, compreendeu depois, era concentrar-se em assuntos mais abstratos ou neutros ou apazíveis que provocassem nele uma distração duradoura, como os quadros de Kandinsky ou de Rothko ou de Matta, ou certos exercícios de xadrez para principiantes, ou a conquista do espaço sideral, ou uns poemas muito sérios e dramáticos de Miguel Arteche de que não gostava nada mas que tivera de analisar na escola (*Golfe, O Rapaz Idiota*), e até conseguiu resultados notáveis graças ao cruel recurso de imaginar um doente de Parkinson a tentar comer uma alcachofra.

Embora o sexo fosse cada vez mais frequente e ligeiramente menos doloroso, Carla já não tinha a certeza de querer continuar com Gonzalo. Tentava convencer-se a si mesma de que estava mais apaixonada que nunca, mas a verdade é que abandonara a disposição fantasiosa dos primeiros tempos: a ideia de passar uns anos ou a vida inteira com Gonzalo parecia-lhe, na verdade, crescentemente assustadora.

Nesse verão, uma das esquerdistas convidou-a a ir a Maientencillo e, pese embora tivesse sido fácil inventar uma qualquer

desculpa para levar Gonzalo, Carla pensou que preferia dedicar esse tempo a pensar na relação. Foi basicamente o que fez durante os nove dias em que esteve em Maitencillo: tomava o pequeno-almoço, almoçava e lanchava a pensar na relação, deitava-se na areia a dormir longas sestas e a pensar na relação, jogava voleibol ou raquetas ou participava em lutas às cavalitas a pensar na relação, bebia *fanschops*² e dançava desenfreadamente os hits dos Technotronic a pensar na relação, e até na noite em que deixou que um musculado argentino lhe desse uns beijos e lhe apalpassem o cu e as mamas estava a pensar na relação e, embora soe meio esquisito, a verdade é que, enquanto chupava a verga a esse tal argentino, Carla também estava, de certa forma, a pensar na relação.

A aventura com o argentino foi relatada, comentada e analisada por inúmeras testemunhas semipresenciais e esteve quase a chegar aos ouvidos de Gonzalo. Assolada pelos remorsos, Carla decidiu confessar a infidelidade, sem omitir o broche, que funcionava como atenuante, porque demonstrava que recusara a penetração, embora, em honra da verdade, não o tivesse negado por fidelidade, mas porque a ideia de ser penetrada por um membro uns quantos centímetros menos comprido, mas consideravelmente mais grosso que o de Gonzalo, lhe parecera horrível.

Nos seis meses seguintes, a culpa foi o único combustível da relação. Nalguns dias Carla temia que Gonzalo consumasse a vingança, mas doutras vezes até desejava que o fizesse, porque o empate pelo menos permitir-lhe-ia recuperar a dignidade, que como é evidente não perdera, se bem que de quando em quando Gonzalo a atormentasse com comentários hostis ou de autocomiseração.

Contrariando a sua natureza fiel, Gonzalo decidiu corresponder às insinuações de Bernardita Rojas, uma miúda do bairro a que se sentia vagamente ligado, visto que também ele se chamava Rojas. Não eram parentes, diga-se, era um apelido extremamente comum, mas ela cumprimentava-o como se o fossem, e na verdade

² Bebida popular no Chile, que consiste na mistura de cerveja e *Fanta*. [N. T.]

nisso consistia o *flirt* («como é que ‘tá o primo Rojas?»), dizia-lhe ela, e abria as narinas como fazem as más atrizes quando pretendem expressar alguma emoção). Bernardita Rojas parecia-lhe diferente, porque não usava aquela franja fixa com gel em forma de onda ameaçadora que quase todas as suas contemporâneas ostentavam — incluindo Carla —, como se todas as adolescentes chilenas tivessem combinado homenagear *A Grande Onda*, de Hokusai. Outra coisa que o atraía em Bernardita Rojas era o facto de andar sempre com um livro de Edgar Allan Poe, que relia com a mesma devoção com que outros decifravam os *Fragmentos de um Discurso Amoroso*, *As Veias Abertas da América Latina* ou *As Suas Zonas Erróneas*.

Os falsos primos Rojas foram ver juntos o *Noite na Terra* e, embora a ideia implícita de ir ao cinema fosse aproveitar o escuro para trocarem uns amassos, o filme de Jim Jarmusch pareceu-lhes tão divertido que se limitaram a fitar o ecrã, hipnotizados.

— Adorei sair contigo — disse-lhe Bernardita, enquanto esperavam pelo autocarro.

— Eu também — respondeu, distraído.

No caminho até casa Gonzalo dedicou-se a pensar em Winona Ryder — imaginava-a ao volante de um táxi *Lada*, esperando a luz verde num qualquer cruzamento em Santiago, enquanto mascarava chiclete e fumava e ouvia Tom Waits. Cansada de que o seu companheiro de viagem lhe devolvesse apenas monossílabos, Bernardita abandonou toda a intenção de diálogo e pôs-se a reler *Ligeia*, o seu conto preferido de Poe. Gonzalo ficou a vê-la a ler durante uns minutos, com o crepúsculo da cidade como imagem de fundo, e então sentiu que sim, que queria dar-lhe um beijo. Tentou, mas ela recusou-o com o seu habitual sorriso de lábios contraídos.

— Estou a ler — disse.

— Lê um bocado para mim — respondeu Gonzalo.

— Não me apetece — disse-lhe Bernardita, que no entanto pôs o livro no meio dos dois para que Gonzalo também pudesse ler,

e fizeram o resto da viagem de cabeças coladas, quase abraçados, a ler aquele conto de Poe.

Chegaram à paragem onde supostamente se deveriam beijar e, agora sim, Bernardita aceitou um beijo breve, embora com pouca língua. Gonzalo caminhou para casa avaliando a possibilidade de prosseguir com a vingança até ser mais ou menos simétrica. Não estava convencido, de modo que decidiu comentar a situação com Marquitos, um amigo ruivo um pouco mais velho que trabalhava na mercearia do bairro e que devia o diminutivo à sua escassa altura, a roçar o ananismo. Caía a noite, Gonzalo ajudou Marquitos a fechar a mercearia e instalaram-se ao balcão com duas *Escudo* de litro e meio bem geladas.

— A tua namorada é muito melhor que a Bernardita — disse-lhe Marquitos, após ponderar o dilema por uns segundos. — Não te vou mentir, a tua namorada é muito, mas muito melhor.

Era a muleta de Marquitos: «não lhe vou mentir, senhora, estas são as melhores melancias da temporada», dizia, por exemplo, ou então «adormeci, chefe, não lhe vou mentir», e às vezes também usava a fórmula em frases insulsas como «não te vou mentir, está calor».

— Sim, eu sei, mas meteu-me os cornos — respondeu Gonzalo.

— Mas tu és feio, Gonza, muito feio.

— E o que é que isso tem a ver? Que importa que eu seja feio?

— respondeu Gonzalo, que em todo o caso não se considerava feio (nem era).

— Olha, o que se passa é que a tua namorada é boa como o milho. A tua namorada é a melhor gaja de todas. — Era como se Marquitos andasse a reprimir aquele comentário há séculos.

— Calma aí, maluco — respondeu-lhe Gonzalo, surpreendido e chateado.

— Desculpa, mas é verdade. A obrigação dos amigos é dizer a verdade, não é? — Gonzalo hesitou dois segundos antes de concordar, com aparente mansidão. — Não te vou mentir: a tua

namorada é uma betinha, mas é boa. E não combina contigo. É demasiado boa para ti, chaval. Não sei como é que te amanhas-te para a sacares. Se acabarem, nunca mais vais conseguir uma gaja nem metade de boa.

– Eu não quero acabar com ela – disse Gonzalo, como se pensasse em voz alta.

– Mas ela vai-te apanhar, sabes que as gajas topam tudo – disse Marquitos, com ares de entendido.

Marquitos foi buscar mais cerveja e também tirou um pão de forma e ofereceu umas fatias a Gonzalo.

– E do que é que gostas mais na minha namorada? – perguntou-lhe Gonzalo, num tom artificialmente sereno.

– Queres mesmo saber?

– Sim.

– E não vais ficar chateado?

– Não, Marquitos, tranquilo. Como é que me havia de chatear por uma coisa dessas?

– Vais-te chatear, pá.

– Não, mano, não faz mal. É só por curiosidade.

– Não sei, maluco, tudo. As mamas, perfeitas, lindas. E aquele cu, fachavor. A tua namorada tem cá um cu. Tem um cuzão daqueles, já deves ter topado. E a cara.

– O que é que tem a cara? Diz lá, que eu não me chateio. Como é que é a cara dela?

– Digo-to com todo o respeito, mas é que tem uma cara... Não te vou mentir, mano, a tua namorada tem uma cara de fresca que nem te digo nem te conto.

Gonzalo não teve outra opção: um murro no olho, duas joelhadas no estômago e um pontapé nos tomates cancelaram para sempre a sua amizade com Marquitos. Saiu da mercearia triste e desconcertado e também preocupado, pela primeira vez na vida, pela sua suposta fealdade, que atribuiu aos obstinados pontos negros, embora como os tinha desde os 11 anos já os considerasse parte da sua cara.

— O que é que tu tens, primo Rojas? — disse Bernardita na sexta-feira dessa mesma semana.

— Porquê?

— Estás com cara de caso.

— Estou com cara de feio — disse Gonzalo, tentando fazer uma piada.

Foram até à praça, falaram muito e Gonzalo contou-lhe tudo, ou quase tudo. Antes de se despedir, Bernardita fitou-o como se efetivamente Gonzalo fosse seu primo ou seu irmão, embora também estivesse zangada: sabia que tinha uma namorada, virá-os juntos mais de uma vez, mas pensava que tinham acabado ou que estavam prestes a acabar e claro que a incomodava o facto de não ter passado de um instrumento de vingança. Na manhã do dia seguinte, no entanto, tocou à campainha da casa de Gonzalo, deixou-lhe um pacote e saiu a correr: era uma caixa de sapatos onde pusera um ramo de aloé vera acabado de cortar, uma navalha, uma nota manuscrita com as instruções para o tratamento e um mapa onde assinalara a localização de dez plantas de aloé vera em diferentes pontos de Maipú.

Gonzalo adotou o hábito de cortar todas as tardes um ramo da planta, cuja polpa espalhava antes de dormir nas numerosas zonas problemáticas da sua cara. Se alguém lhe tivesse perguntado por que motivo andava com aquela navalha na mochila, teria respondido que precisava dela para se defender, o que no fundo era verdade, porque precisava dela para se defender da fealdade.

No início era tudo tão natural, tão prazenteiro e divertido, pensava Gonzalo, enquanto recordava o primeiro encontro com Carla, há quase três anos, à saída de um concerto dos Electro-domésticos — foi um *flirt* breve com pinta de coisa superficial, já que falaram menos de cinco minutos, mas Gonzalo encheu-se de coragem e pediu-lhe o número de telefone, coisa que nunca antes fizera com ninguém, e como Carla recusou, ele suplicou-lhe que lhe desse pelo menos os seis primeiros números, e ela achou tanta graça àquilo que acabou por lhe dar os primeiros cinco.

No dia seguinte Gonzalo plantou-se à frente do telefone amarelo da esquina com o bolso cheio de moedas de cem pesos e começou por ordem crescente (do 00 ao 04), a seguir decidiu continuar por ordem decrescente (do 99 ao 97), depois deixou-se levar por palpites (09, 67, 75) e confundiu-se tanto que teve de apontar os números no mesmo bloco onde garatujava os poemas. Além de parecer um processo infinito, era também um desperdício de dinheiro — o telefone da esquina transformara-se numa espécie de monstro das moedas e Gonzalo num desenfreado viciado no jogo e também num ladrão, já que não lhe chegava a mesada mais o troco do pão, de modo que tinha de se aventurar diariamente pelas carteiras dos pais. Quando batia o desânimo, Gonzalo pensava em Carla a atar o cabelo. Retivera essa imagem: ela a erguer os braços para atar o cabelo preto-azeviche, os cotovelos ossudos, os peitos marcados na t-shirt verde e um sorriso que deixava à mostra os dentes meio afastados, que eram do mais comum que havia, mas que ele achava inusuais e belos.

Quando já estava quase convencido de que a sua empresa estava condenada ao fracasso, Gonzalo acertou no número 59. Na primeira chamada Carla mostrou-se mais propriamente relutante, custava-lhe a acreditar em tamanha persistência, mas começaram a falar uns minutos todas as tardes, quase sempre o tempo que permitiam 200 ou 300 pesos, e depois, meses mais tarde, quando por fim os fios telefônicos chegaram à casa de Gonzalo, falavam pelo menos uma hora por dia — o plano de se encontrarem era cada vez mais sério e, no entanto, Carla continuava a postergá-lo, pois pensava que talvez gostasse menos de Gonzalo ao vivo. Mas, depois da manhã de sábado em que se encontraram e desataram aos beijos, já não havia margem para dúvidas.

Costumavam evocar com radiante satisfação aqueles por menores iniciais que ele agora recordava com pesar — enquanto recapitulava e insistia em idealizar a sua relação com Carla, compreendia e aceitava muito a contragosto que já se não divertiam tanto e já não se riam tanto e que, talvez por causa da famosa penetração, os seus corpos já não rimavam («nunca lho devia ter metido», disse uma manhã Gonzalo em voz alta, involuntariamente — os colegas mijaram-se a rir e dali em diante puseram-lhe a alcunha de «o arrependido»).

Não o surpreendia que Carla fosse objeto unânime de desejo, já estava habituado a que quase todos os homens (incluindo, tristemente, o próprio pai de Gonzalo) a observassem com descaro e que até algumas mulheres disfarçassem mal a inveja ou talvez o soterrado desejo que Carla nelas despertava. Gonzalo não era ciumento, embora depois da aventura com o argentino e do incidente com Marquitos pensasse que devia ser, que de certa forma era a sua responsabilidade. Mas não queria ser ciumento nem possessivo e nem violento. Não queria ser como toda a gente.

Ao arrepio dessas hordas de jovens superficiais entregues à endogamia e ao culto da beleza física, Gonzalo encontrara, ao lado de Carla, um oásis de companheirismo puro. Dizer ou insinuar, como fizera Marquitos, que Gonzalo tinha «sacado» Carla e que

se devia esforçar por conservá-la e aferrar-se a ela era não perceber nada da natureza do amor, mas o que verdadeiramente o ofendia era que Marquitos tivesse chamado betinha a Carla, porque ela não falava como uma betinha, nem se vestia como uma betinha – ou seja, era de facto uma betinha, comparada com Gonzalo e com Marquitos e com Bernardita Rojas, mas comparada com uma betinha de Vitacura ou de Las Condes não o era de todo.

Havia entre Carla e Gonzalo evidentes diferenças, a que nenhum dos dois era cego: colégio particular de freiras em Ñuñoa *versus* escola fiscal de homens em Santiago Centro, casa grande com três casas de banho *versus* casa pequena com uma, filha de advogado e de técnica de laboratório dentário *versus* filho de taxista e de professora de Inglês, classe média tradicional de La Reina *versus* classe média de Maipú (classe média-baixa, diria o pai de Gonzalo; classe média em ascensão, diria a mãe). Nem Gonzalo nem Carla consideravam, no entanto, que a distância social que os afastava fosse significativa, e as diferenças na verdade alimentavam o interesse mútuo: a ideia do amor como um encontro feliz e fortuito, abalizada pela imperecedoura teoria da meia laranja.

As venenosas palavras de Marquitos ressurgiam com a insistência de uma melga a meio da noite e conseguiam imiscuir-se na zona mais frágil da relação, que era o notório desinteresse de Carla pela poesia. Amava a música, desde miúda que era apaixonada por fotografia e estava sempre a ler algum romance, mas pensava que a poesia era uma coisa infantil e afetada. Gonzalo, no entanto, como quase toda a gente, associava a poesia ao amor. Não conquistara Carla com poemas, mas apaixonar-se por ela e apaixonar-se pela poesia tinham sido acontecimentos quase simultâneos e era-lhe difícil separá-los.

O caso fez-se mais grave quando Gonzalo decidiu estudar literatura. Há algum tempo que tinha a certeza de que queria ser poeta, e embora soubesse que para isso não precisava de ter estudos formais, pensava que uma licenciatura em Letras o desviaria menos do objetivo. Era uma decisão corajosa, radical e até escandalosa,

a que os pais de Gonzalo se opuseram com tenacidade, parecia-lhes um desperdício: com bastante esforço e um talento francamente inexplicável, o filho convertera-se num aluno destacado de uma das supostamente melhores escolas do Chile e, portanto, podia e talvez devesse aspirar a um futuro menos aventureiro. Quando, esperando apoio cego e solidário, Gonzalo comentou os seus planos a Carla, ela reagiu com indiferença.

Por essa altura, a poesia chilena era para Gonzalo a história de uns homens geniais e excêntricos, dados ao vinho e especialistas nas volta-faces do amor. Infetado por essa mitologia, às vezes pensava que futuramente Carla só serviria para ser a remota namorada de juventude que não soubera valorizar o poeta emergente (a mulher que, apesar dos inúmeros indícios, não avaliara corretamente a magnitude do homem que tinha à sua frente, se até lhe metera os cornos). Definitivamente, Carla não parecia a companheira adequada para a difícil travessia que ele pretendia empreender; mais cedo ou mais tarde, conjeturava Gonzalo, a relação terminaria e ela namoraria com um qualquer engenheiro comercial ou com um dentista ou com um romancista. Gonzalo projetava a rutura a médio prazo, embora às vezes se surpreendesse pensando, de antemão, nas palavras que então lhe diria: imaginava um sofisticado discurso que avançaria paulatinamente até chegar à necessidade de — gostava desta expressão — seguirem caminhos diferentes, e primeiro culparia o destino ou a fatalidade, mas se ela se passasse, ele próprio assumiria a culpa toda, e pronto.

Uma manhã baldaram-se às aulas e caminharam em silêncio pelo buliçoso centro de Santiago até ao Paseo Bulnes. Normalmente sentavam-se num banco, em frente à livraria do Fondo de Cultura Económica, a fumar e a dar uns beijos, e depois seguiam por Tarapacá e, após comerem uns cachorros, jogavam umas partidas de *snooker* — ela ganhava sempre — ou então entravam no Cine Arte Normandie. Desta vez, no entanto, era evidente que o guião era outro: Carla só queria passear, nem sequer iam de mão dada

e ela fitava as copiosas nuvens como se aspirasse ao superpoder de as dissolver com os olhos; planeava uma longa introdução, mas optou por soltar de uma vez esta sentença lapidar:

– Já não sinto a mesma coisa, Gonza.

Esta frase tão rude quanto elegante atingiu Gonzalo com uma violência desconhecida. Bem sabemos que estava mais ou menos preparado para a rutura, mas na sua cabeça era ele quem acabava.

Nas semanas seguintes debateu-se entre a negação e o despeito, o que se materializava em masturbações fantasiosas – castigava a sua ex imaginando que ia para a cama com Winona Ryder, com Claudia Di Girolamo, com Katty Kowaleczsko e até com uma tia de Carla a que Gonzalo achava certa piada.

Quanto a Bernardita Rojas, uma tarde encontrou-a mesmo em frente a uma monumental planta de aloé vera que havia à entrada da Villa Las Terrazas. A primeira coisa que Bernardita fez foi acariciar-lhe a cara, que graças ao tratamento com aquela maravilhosa planta recuperara em parte a frescura. Ele pensou que não perdia nada em tentar, de modo que lhe saltou logo em cima – ela esquivou-se.

– Somos amigos, primo Rojas – disse-lhe Bernardita, cortante.

– Não, Berni, nós nem sequer somos assim tão amigos.

– Somos amigos. Somos muito amigos – repetiu ela.

– Mas não somos assim tão amigos – voltou a dizer Gonzalo.

O diálogo foi bastante mais longo e estúpido. Não chegaram a nenhuma conclusão.

– Só quero ser tua amiga – insistiu Bernardita, despedindo-se.

– É que eu amigos já tenho – disse Gonzalo. – Tenho demasiados amigos. Não preciso de mais.

Gonzalo abandonou depressa o rancor onanista e mergulhou na abulia e no disco *Corazones*, de Los Prisioneros, que de repente lhe parecia a banda sonora da sua vida inteira. Tornou-se relutante a toda a espécie de diálogo, até ao diálogo consigo mesmo, isto é,

à escrita. Quase não saía do quarto, mas o mais preocupante, pelo menos para as pessoas mais próximas, era o facto de se recusar radicalmente a tomar banho.

VENCEDOR DO PRÊMIO MEJORES OBRAS LITERARIAS 2021

Passados nove anos, Gonzalo, um aspirante a poeta, reencontra Carla, o seu amor da adolescência, num bar de Santiago do Chile, descobrindo que esta é agora mãe de um rapaz chamado Vicente. Superado o desconforto inicial com as palavras «enteado» e «padrasto», os três, e a gata *Oscuridad*, formam uma *famíliastra* feliz. Alguns anos depois, porém, o casal separa-se novamente. Gonzalo ruma a Nova Iorque, em busca de afirmação, mas as marcas que deixa em Vicente são indeléveis: também ele sonha ser poeta. Quando conhece Pru, uma jornalista americana perdida em Santiago, Vicente encoraja-a a escrever sobre os poetas chilenos, não os famosos, como Neruda ou Mistral, mas os poetas vivos, do presente, a fim de procurar separar o mito do Chile «terra de poetas» da realidade, a autenticidade da impostura. Entretanto, Gonzalo regressa em definitivo ao Chile e é numa livraria que a sua história se cruza, uma vez mais, com a de Vicente.

Declaração de amor à literatura, à poesia e aos poetas que desprezam o romance, *Poeta Chileno* é uma obra visceral e divertida sobre paternidade, famílias fragmentadas e os trágicos altos e baixos do amor, que confirma Alejandro Zambra como uma das vozes mais importantes da literatura latino-americana contemporânea.

«UM AUTOR ORIGINALÍSSIMO.»

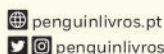
LA VANGUARDIA

«ADORO AS SUAS AUDÁCIAS FULMINANTES.»

ENRIQUE VILA-MATAS



Penguin
Random House
Grupo Editorial



penguinlivros.pt

@penguinlivros

ISBN 9789895649907



9 789895 649907 >